

EDITORIAL
EDITORIAL

MARIA LIZETE DOS SANTOS

EDITORIAL *EDITORIAL*

MARIA LIZETE DOS SANTOS¹

mlizete@letras.ufrj.br

1922 foi marcado por eventos impactantes: terremoto, fundação do Partido Comunista Brasileiro, greves de operários, primeira travessia do Atlântico Sul, Revolta dos 18 do Forte de Copacabana, oficialização do Hino Nacional Brasileiro, Exposição Internacional do Centenário da Independência, Semana de Arte Moderna.

Alguns desses eventos ainda reverberam – a Semana de Arte Moderna em destaque – e provocam acaloradas discussões.

O terremoto de 5.1 na escala Richter, registrado em Mogi Guaçu, interior do estado de São Paulo, no dia 27 de janeiro de 1922, abalou menos a sociedade paulistana – e brasileira – do que a Semana de Arte Moderna, que teve início poucos dias depois, em 11 de fevereiro, e oficializou o movimento modernista brasileiro.

A Semana de Arte Moderna marcou de forma indelével a história da arte brasileira, e seu legado, que repercute até hoje, mereceu atenção especial no ano de seu centenário. A *Interfaces*, por isso, reúne neste número cinco ensaios que discutem esse legado, bem como os eventos ou acontecimentos que, a partir de 1922, marcaram os rumos da nossa história cultural.

O primeiro ensaio – “Identidades nacionais em processo: a Semana de Arte Moderna e a Exposição do Centenário da Independência do Brasil” –, escrito por Cêça Guimaraens, focaliza eventos ocorridos paralelamente à Semana de Arte Moderna. A autora, que rememora importantes episódios ocorridos ao longo desse ano, discorre sobre as transformações havidas na cidade do Rio de Janeiro em decorrência dos preparativos para a Exposição Internacional do Centenário da Independência do Brasil e discute a quebra da hegemonia das linguagens estilísticas na arquitetura brasileira.

No segundo ensaio, “Carnavaleidoscópio Tropicáfago”: um ensaio sobre Tropicália, modernismo(s) e antropofagia em escolas de samba do Rio de Janeiro”, os autores – Clark Mangabeira, Helenise Guimarães e Taynara Quites Senra – apresentam um estudo de caso do Carnaval de 2017: o enredo desenvolvido pela Escola de Samba

¹ Professora associada da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Coordenadora de Integração Acadêmica do Centro de Letras e Artes (CLA).

Paraíso do Tuiuti, “Carnavaleidoscópio Tropifágico”, proposto pelo carnavalesco Jack Vasconcelos em homenagem ao modernismo brasileiro e à Tropicália, mostrando como o Movimento Antropofágico de Oswald de Andrade influenciou o tropicalismo. Os pesquisadores focalizam o enredo e seus desdobramentos visuais para demonstrar como o modernismo iniciado na Semana de Arte Moderna, passando pelo Movimento Antropofágico, foi carnavalizado por uma escola de samba.

“A arquitetura neocolonial e a questão da identidade nacional: do apogeu nas exposições de 1922 à queda pelos modernistas fundadores do SPHAN em 1937” é o título do terceiro ensaio, de Juliana Pavan, que traz a debate questões relacionadas às ideologias vinculadas às arquiteturas neocolonial e moderna, nas décadas de 1920 e 1930, e suas relações com a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), em 1937, e a questão da identidade nacional. A autora focaliza questões e contradições do movimento moderno que se refletiam na materialidade das cidades e na formação de uma identidade nacional, civilizada segundo os pressupostos de então.

No quarto ensaio, “Villa-Lobos: paradigmas para a música brasileira e universal”, Raquel Beatriz Junqueira Guimarães e Maria Inês Junqueira Guimarães apontam para o legado de Heitor Villa-Lobos à música e aos músicos brasileiros, explicitam a relação que essa herança teria com a participação do maestro na Semana de Arte Moderna e fazem reflexões sobre as inovações trazidas por Villa-Lobos: estabelecimento de novos toques para piano, violão, violoncelo; transformações timbrísticas, rítmicas propostas na escrita para as orquestras sinfônicas e outros grupos instrumentais. Beatriz e Maria Inês procuram comprovar que a obra de Villa-Lobos é singular, uma expressão da música brasileira e universal.

“Não basta ser abstrato, tem de ser concreto: I Exposição Nacional de Arte Abstrata [1953]” é o ensaio que encerra este número da *Interfaces*. Os autores, Caroline Alciones de Oliveira Leite e Luiz Sérgio de Oliveira, questionam o porquê de a I Exposição Nacional de Arte Abstrata, realizada em 1953, no Hotel Quitandinha (Petrópolis), ter sido preterida na historiografia da arte brasileira. Os pressupostos que orientam as reflexões acerca desse questionamento se ancoram em questões históricas dos anos 1950, investigadas em fontes arquivísticas nos acervos do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, da Biblioteca Nacional e no acervo digital de periódicos editados no Rio de Janeiro e em São Paulo. Essa investigação é fundamental para trazer à luz o cenário da organização e da realização da mostra, identificar os interesses políticos que orientaram o acolhimento das correntes abstratas na arte brasileira no período, bem como o impacto da crítica de arte sobre o sucesso do evento.

Cem anos após a Semana de Arte Moderna, as rupturas e dissonâncias continuam.